



Boletim do

Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional

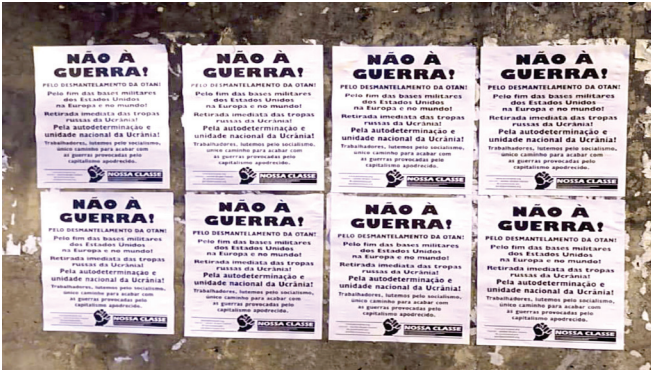
Publicação do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional
Versão em Português | MARÇO 2022

R\$ 2

Posição internacionalista diante da guerra na Ucrânia

**DECLARAÇÕES E MANIFESTO
DO COMITÊ DE ENLACE
PELA RECONSTRUÇÃO
DA IV INTERNACIONAL (CERQUI)**

**Somente a classe operária
pode encontrar uma solução
revolucionária para
a guerra na Ucrânia**



Este Boletim contém Declarações do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional (CERQUI) sobre a guerra na Ucrânia. Estão publicadas na ordem cronológica. O leitor poderá acompanhar as suas formulações que correspondem à evolução da crise, que se iniciou em novembro de 2021 com o deslocamento de tropas russas para a fronteira da Ucrânia, e que resultou na ocupação militar do país, em 24 de fevereiro.

O confronto, envolvendo a Rússia, os Estados Unidos e sua aliança europeia, é considerado por todas tendências políticas como o mais grave depois da Segunda Guerra Mundial, do fim da guerra da Coreia e do desabamento da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Nesse sentido, trouxe à tona a dissensão entre a URSS e os Estados Unidos, em 1962, no episódio da tentativa de instalação de mísseis em Cuba, pelo governo de Nikita Khrushchov. O perigo do embate na Ucrânia se estender à Europa deu a dimensão da gravidade do cerco militar montado pela OTAN à Rússia e da resposta de Putin com a ocupação a Ucrânia.

No capitalismo, em particular, em sua fase última, que é a do imperialismo, proliferam as guerras. A Europa sofreu violentos abalos com a Primeira e Segunda guerras mundiais, que destruíram maciçamente forças produtivas e arrebatarem milhões de vidas humanas. É obrigatório não se esquecer que os Estados Unidos, no final da Segunda Guerra, quando a Alemanha e o Japão já estavam derrotados, fizeram um teste-laboratório descarregando sobre Hiroshima e Nagasaki as primeiras bombas nucleares. A Rússia se tornou, em seguida, uma potência atômica. Sobre a guerra na Ucrânia, pairou a sombra dos perigos de um choque direto com os Estados Unidos.

Estava claro que a burguesia europeia colocou um limite

para a ofensiva norte-americana contra a Rússia, que é o de não enviar tropas da OTAN para o solo ucraniano, e nem estabelecer uma zona aérea de exclusão, como pediu Zelenski. Mesmo assim, ronda na Europa a memória das catastróficas guerras mundiais.

As medidas de retaliação econômico-financeira são uma arma típica da guerra comercial, da qual se vale a ditadura do capital exercida mundialmente pelos Estados Unidos. Esse capítulo da guerra na Ucrânia mostrou que o imperialismo não se importa em golpear a economia mundial e esmagar ainda mais as condições de existência das massas.

As Declarações do CERQUI convocam a classe operária e a sua vanguarda com consciência de classe a se unirem em torno ao conjunto das bandeiras voltadas contra o cerco militar e econômico à Rússia, sem apoiar a política de Putin e da oligarquia russa de invadir militarmente a Ucrânia e anexar parte de seu território. Assinalam a necessidade do proletariado assumir uma posição de independência de classe, colocando-se diante da escalada militar dos Estados Unidos e de seu braço armado, a OTAN, sob o objetivo e a tarefa da Ucrânia conquistar sua real independência, por meio de uma revolução que estabeleça a ditadura do proletariado e a democracia soviética. Na Rússia, o proletariado tem de recorrer à rica experiência da revolução e se unir sob o objetivo de acabar com o governo e a oligarquia burguesa restauracionistas.

Os operários, os demais trabalhadores e a vanguarda proletária podem estudar criticamente as posições do CERQUI, desenvolvendo passo a passo de acordo com os acontecimentos. Fortaleçam a luta pelo internacionalismo marxista-leninista-trotakista e pela reconstrução do Partido Mundial da Revolução Socialista.

PÔR EM PÉ O PARTIDO MUNDIAL DA REVOLUÇÃO SOCIALISTA RECONSTRUIR A IV INTERNACIONAL

R\$ 35

ADQUIRA COM NOSSO DISTRIBUIDOR DE MASSAS

Declaração do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional (CERQUI)

Disputa pela Ucrânia – perigo de guerra

18 de janeiro de 2022

Cem mil soldados russos deslocados para a fronteira com a Ucrânia assinalaram a possibilidade de guerra. Os Estados Unidos se dispuseram a discutir as exigências da Rússia. Duas reuniões se realizaram, nos dias 10 e 12 de janeiro. Não houve um acordo. O impasse permanece. As notícias são de que, no inverno, torna-se mais difícil a movimentação militar. Estaria aí uma justificativa para manter suspenso o conflito por algum tempo, caso um acordo não seja alcançado.

As conversações diplomáticas e as pressões internacionais indicam que a possibilidade de guerra está posta. A questão de quando, ou se Putin e os generais russos autorizarão a invasão da Ucrânia é uma incógnita, que ainda depende dos desdobramentos das negociações. Se a resposta dependesse dos resultados das reuniões até aqui divulgados, a guerra poderia se precipitar, ou então a Rússia teria de recuar de cabeça baixa.

Os desdobramentos dessa ameaça de guerra dependem somente das forças burguesas em choque – de um lado, o imperialismo norte-americano e o europeu ocidental; de outro, a oligarquia russa burguesa-restauracionista. Nem o proletariado russo, nem o ucraniano, nem o norte-americano, nem o europeu ocidental está em condições de se levantar imediatamente contra a guerra, pelo fim de toda opressão nacional, pela destruição do domínio imperialista e pelos Estados Unidos Socialistas da Europa. Está aí posta a gravidade da crise mundial de direção revolucionária, que resultou do processo de degeneração estalinista da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), da liquidação da III Internacional e, finalmente, do desmoronamento da própria URSS.

Guerras e intervenções regionais e locais vêm ocorrendo incessantemente, após a Segunda Guerra Mundial. O capitalismo em decomposição não tem como eliminar ou arrefecer suas tendências bélicas, que nascem e renascem dos choques entre as forças produtivas amadurecidas e as relações capitalistas de produção, condicionadas pelos monopólios e pelo parasitismo do capital financeiro.

O cerco da OTAN à Rússia, com a cooptação dos países que se desprenderam da URSS, e a instalação de bases militares no Leste Europeu são os principais motivos de Putin para movimentar tropas na fronteira com a Ucrânia. O processo de desmoronamento do sistema de “repúblicas populares” no Leste Europeu, incluindo a Alemanha Oriental, resultante da partilha do mundo do pós-guerra, iniciado em 1968, com a invasão russa à Checoslováquia, e retomado em 1989, com a reunificação da Alemanha, impulsionou as forças centrífugas que acabaram por implodir a URSS, despedaçando-a em 15 países. Em suas bases, estavam as tendências restauracionistas, que não poderiam ser sufocadas com medidas militares, e imposição de governos burocrático-ditatoriais, como se assinalou com a invasão soviética à Hungria, em 1956, e o esmagamento do movimento nacionalista burguês e pequeno-burguês.

As forças mundiais do capitalismo, que emergiram da maciça

destruição de forças produtivas, chefiadas pelos Estados Unidos, se chocaram com as atrasadas economias, que não podiam avançar na transição do capitalismo ao socialismo, encarceradas nas fronteiras nacionais. A participação da URSS estalinizada – submetida ao programa do socialismo nacional –, na nova partilha do mundo, favoreceu o imperialismo, que passou a contar com o desarme programático, ideológico, político e organizativo do proletariado mundial.

A dissolução da III Internacional, a mando de Stálin, em 1943, expressou de forma mais acabada o desarme. Os impasses no sistema burocrático de repúblicas populares, que nasceu da partilha do mundo, foram agravando-se, na medida em que permaneceram vigentes a pequena propriedade dos meios de produção, principalmente no campo, e os obstáculos à construção das forças produtivas socialistas, dependentes da grande indústria e da elevação da técnica, que esbarraram nos limites impostos pelo domínio imperialista. As rupturas que se manifestaram em 1989, depois da grande crise econômica mundial dos anos de 1970, se voltaram contra a URSS burocratizada.



Guerras e intervenções regionais e locais vêm ocorrendo incessantemente, após a Segunda Guerra Mundial. O capitalismo em decomposição não tem como eliminar ou arrefecer suas tendências bélicas, que nascem e renascem dos choques entre as forças produtivas amadurecidas e as relações capitalistas de produção, condicionadas pelos monopólios e pelo parasitismo do capital financeiro.

O imperialismo europeu e o norte-americano passaram a se valer do triunfo da “Guerra Fria”, lançada por Harry Truman, em 1947, contra o comunismo. De fato, contra as conquistas da revolução proletária na Rússia, a expropriação da burguesia, o fim da opressão nacional, a constituição da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), a abertura da transição do capitalismo ao socialismo na Rússia, o impulso às revoluções na Europa e no mundo, e a constituição do Partido Mundial da Revolução Socialista, a III Internacional.

A Revolução Chinesa, em 1949, por sua vez, refletiu o período histórico entre as duas guerras mundiais, de transição do capitalismo em decomposição ao socialismo. Contrapunha-se à “Doutrina Truman”, e à elevação definitiva dos Estados Unidos à potência hegemônica, nas condições de declínio da Europa Ocidental. A solução das arraigadas tarefas democráticas e a construção das bases socialistas da economia dependiam, não apenas dos acertos da política econômica do Partido Comunista, mas também da continuidade da revolução europeia e fortalecimento da URSS, como carro chefe das forças produtivas socialistas. A degeneração burocrática, impulsionada pelo nacionalismo es-



A dissolução da URSS, que supostamente seguiria o plano gradualista da Glasnost e Perestroika, de Gorbachov, negociado com os Estados Unidos, ocorreu sobre a base de uma crise política e social convulsiva. Eclodiram guerras separatistas, sendo a mais sangrenta a Guerra na Chechênia, entre 1994 e 2004. A questão ucraniana se situa no marco da desintegração da URSS, e da necessidade da Rússia em manter seu domínio regional, cujas raízes históricas deitam-se no antigo império feudal Grão-Russo.

talista, potenciou o nacionalismo chinês sobre a possibilidade de desenvolver o socialismo no marco das fronteiras nacionais. Estabelecida a divisão sino-soviética, abria-se caminho para o imperialismo avançar sob a Doutrina Truman. A China se recusou a compor o Pacto de Varsóvia, e a OTAN se ergueu como um potente pacto militar interimperialista, sob a orientação dos Estados Unidos.

A ruptura no Leste Europeu e, finalmente, a desintegração da URSS implicariam uma ocupação de espaço pelas forças das potências. As ex-repúblicas populares voltavam à órbita do imperialismo europeu, que seguia as diretrizes da OTAN. Mas, a Federação Russa, que surgiu dos escombros da URSS, mantinha sua independência conquistada pela revolução proletária, e sua condição de potência regional mais avançada que o velho Grã-Império russo. O socialismo nacional de Mao Tsé Tung, que resistiu à política de coexistência pacífica de Nikita Krushchov, concluiu em 1972, com um acordo de cooperação com os Estados Unidos, sob a inspiração do governo de Richard Nixon. De forma que a estratégia imperialista de consolidar o processo de restauração se daria nas duas vertentes do socialismo nacional. Estavam dadas as condições mundiais para a aliança imperialista, surgida no pós-guerra, alcançar o seu maior e mais profundo objetivo – a liquidação da URSS, a mais poderosa e avançada cidadela do proletariado mundial, erguida em sua luta histórica, no período de transição do capitalismo ao socialismo. A sua derrocada final, resultante de um processo que se iniciou prematuramente – em 1924 –, porém, não eliminou o período de transição do capitalismo ao socialismo, que é de guerras, revoluções e contrarrevoluções.

O imperialismo decretou o fim da “Guerra Fria”, cujo conteúdo era o de varrer a URSS, e assim reatar o elo da cadeia do capitalismo, que se havia rompido com a revolução russa, sob a direção do partido bolchevique marxista-leninista. Ronald Reagan e Mikhail Gorbachov deram um primeiro passo em tratados de redução

do armamento nuclear. Na realidade, a meta foi a de desarmar o máximo possível a ex-URSS, uma vez que era e é incomparável a superioridade militar dos EUA.

A propaganda ideológica do imperialismo foi a de que, com o fim da “Guerra Fria”, entrava-se em um período de pacificação. Descarregava-se a responsabilidade da corrida bélica à URSS, ao comunismo. Desaparecida a sombra das revoluções proletárias na Europa, a segurança dos EUA estaria garantida. Em 1999, a Polônia aderiu à OTAN, juntamente com a Hungria e República Checa. Foi um primeiro passo para o imperialismo incorporar os países bálticos e a Bulgária. Ficaram a descoberto dois países chaves, a Ucrânia e a Geórgia. Na “Cúpula de Bucareste”, de 2008, ficou assentado que seria questão de tempo para que a OTAN fechasse o cerco estratégico à Rússia. A Albânia e a Croácia foram admitidas. Ficou como objetivo alcançar a Ucrânia e a Geórgia. Estava claro que a Rússia não poderia deixar de reagir, de forma que os EUA e aliados europeus foram gradualmente armando uma cortina de ferro à Rússia. Não apenas incorporavam as ex-repúblicas soviéticas à OTAN, como utilizavam seus territórios para montar bases militares. A Polônia cedeu seu território para os EUA constituírem um sistema de mísseis. Em contrapartida, a OTAN rearmou o exército polonês, voltado contra a Rússia, em nome da defesa nacional.

A dissolução da URSS, que supostamente seguiria o plano gradualista da Glasnost e Perestroika, de Gorbachov, negociado com os Estados Unidos, ocorreu sobre a base de uma crise política e social convulsiva. Eclodiram guerras separatistas, sendo a mais sangrenta a Guerra na Chechênia, entre 1994 e 2004. A questão ucraniana se situa no marco da desintegração da URSS, e da necessidade da Rússia em manter seu domínio regional, cujas raízes históricas deitam-se no antigo império feudal Grão-Russo.

A revolução proletária e a criação da URSS iniciavam um longo e tortuoso processo de superação da opressão nacional, sob a garantia do direito à autodeterminação dos povos e nações escravizadas no capitalismo. O que implicava avançar a construção do socialismo, em consonância com o desenvolvimento da revolução mundial, como fundamentou o bolchevismo, sob a direção de Vladimir Ilyich Ulianov, Lênin. A vitória da contrarrevolução burguesa retrocedeu a luta do proletariado contra a opressão nacional e de classe, restabelecendo as velhas relações de dominação, e dando lugar a guerras civis e de intervencionismo russo. O nacionalismo despertado pelo processo de restauração e decomposição do sistema soviético, sob as diretrizes da burocracia estalinista, se tornou um meio favorável à penetração do imperialismo. É o que se verificou nos levantes populares no Leste Europeu, na guerra da Iugoslávia, Chechênia, Geórgia, etc. E o que se passou com a crise que abalou a Ucrânia, entre 2013 e 2014.

Em todos os conflitos e choques, estiveram presentes as mãos

dos EUA. O levante contra o presidente ucraniano pró-russo, Viktor Yanukovich, e sua derrubada, se deram precisamente porque se negou a cumprir o acordo de subordinação do país à União Europeia, primeiro passo para se submeter às ordens da OTAN. Instalou-se uma guerra civil, não resolvida, e que conduziu à divisão da Ucrânia, e anexação da Criméia pela Rússia. A burocracia oligárquica ucraniana restauracionista se valeu do nacionalismo para levar o país a se submeter ao imperialismo, como se essa via fosse a garantia da independência diante da Rússia. A troca de um amo por outro é própria dos arrivistas, que colocam seus interesses oligárquicos acima dos interesses da nação oprimida. O fato é que a vitória da fração pró-União Europeia despedaçou a Ucrânia, e serviu ao objetivo do imperialismo de apertar o cerco à Rússia.

A mobilização militar ordenada por Putin para a fronteira com a Ucrânia representa uma autodefesa, diante do avanço da OTAN, mas também um ato de opressão nacional. Esse dilema não pode confundir a política do proletariado. A Rússia não tem como conservar seu poder regional, a não ser exercendo o domínio imperialista sobre as repúblicas que se desprenderam da URSS. E o imperialismo norte-americano se vale dessa contradição, para avançar contra a Rússia, por meio das nações oprimidas. É o que se passou, desde a quebra da URSS, com a incorporação das repúblicas populares do Leste Europeu à União Europeia e, em seguida, com as ex-repúblicas soviéticas, que se insurgiram contra a centralização burocrático-autoritária da Rússia.

Em 1939, momento em que se iniciava a Segunda Guerra Mundial, com a invasão alemã da Polônia, na Ucrânia despertaram forças nacionalistas antissoviéticas, sem que o proletariado as combatesse, em uma evidente atitude de passividade, motivada pelo descontentamento com a burocracia estalinista. Trotsky refere-se ao “estrangulamento burocrático do povo ucraniano” e defende que a vanguarda revolucionária deveria intervir junto à classe operária e à pequena burguesia, sob a bandeira de “uma Ucrânia soviética independente”. Essa era a via para combater, de um lado, os nacionalistas pró-capitalistas (parte deles pró-nazista), de outro, o seu esmagamento, no marco da URSS degenerada pelo autoritarismo burocrático.

Chegava-se a tal situação que refletia que “malgrado o gigantesco avanço realizado pela Revolução de Outubro no terreno das relações internacionais, a revolução proletária, isolada em um só país atrasado, tem sido incapaz de resolver a questão nacional, especialmente a ucraniana, que é, em essência, de caráter internacional. A reação termidoriana, coroada pela burocracia bonapartista, fez retroceder as massas, também na esfera nacional. A maioria do povo ucraniano está insatisfeita com a situação da nação, e deseja mudá-la drasticamente. Este é o fato do qual tem de partir a política revolucionária, diferentemente do que faz a burocrática e a sectária.” (“A independência da Ucrânia e a confusão sectária”, julho de 1939).

Sob a política burocrática do estalinismo, sufocou-se a organização do proletariado, como a única classe capaz de encarnar a propriedade social, e desenvolver as relações socialistas de produção. Condição essa decisiva para enfrentar o cerco imperialista, em quaisquer circunstâncias. A crise de 1939 pôs à luz do dia

as tendências centrífugas que iriam se potenciar e concluir com o desmoronamento da URSS, sob os impulsos internos e externos.

O objetivo da burocracia restauracionista, que acabou sendo expressa por Gorbachov, era o de realizar uma transição ordenada de volta ao capitalismo, com auxílio do imperialismo. Seu governo mergulhou em uma profunda crise política, em 1991, no momento em que se operava a dissolução da URSS. A tentativa de golpe de Estado, levada a cabo pelo sucessor de Gorbachov, Boris Iéltsin, fracassou, mas triunfou em 1993, de forma sangrenta, objetivando estabelecer uma ditadura bonapartista, que acelerasse a dissolução da URSS, o processo de privatização e a abertura à penetração do capital internacional. É nesse marco de decomposição que se inicia a bárbara Guerra da Chechênia, assinalando o novo curso da aberta opressão nacional pela Rússia.

A substituição de Iéltsin por Putin ordenou o processo de restauração por meio do capitalismo de Estado, disciplinando a oligarquia russa, e pondo limites à penetração do capital internacional. A Guerra do Kosovo, que acabou por destruir a Iugoslávia, em 1999, evidenciou o desconhecimento da OTAN aos interesses geopolíticos da Rússia. Da ditadura de Iéltsin, passou-se à ditadura bonapartista de Putin, forma governamental encontrada para estabilizar o país, e promover a restauração por meio do capitalismo de Estado, mantendo a independência política da Rússia, distintamente do resultado da ofensiva dos Estados Unidos e aliados europeus sobre as ex-repúblicas populares do Leste Europeu e parte das ex-repúblicas soviéticas.

A revolução proletária deu à Rússia uma completa independência e soberania. É nessa conquista que a burocracia restauracionista se apóia, para promover a volta completa do capitalismo, sem perder o controle do Estado para as forças imperialistas, lideradas pelos Estados Unidos. Putin reconheceu que foi desastrosa e perigosa para a Rússia, a forma como desabou a URSS. Na China, o processo de restauração não implicou a quebra do regime, bastando sua adaptação à forma de capitalismo de Estado. A perda de boa parte das ex-repúblicas soviéticas para a Europa Ocidental e os Estados Unidos retirou-lhe um anteparo estratégico. A burocracia restauracionista acreditou que o imperialismo iria cumprir a promessa de

não estender a OTAN até as portas da Rússia.

A progressão das forças militares das potências foi tolerada, até o ponto em que se aproximou das fronteiras russas, com o intento de incorporar a Ucrânia e a Geórgia à OTAN. Nas mesas de discussão diplomática, Putin pediu, não só o fim do expansionismo militar dos Estados Unidos em direção às fronteiras russas, como também a retirada das bases militares instaladas no Leste Europeu. Na realidade, o objetivo da Rússia é o de evitar que a OTAN se instale em suas fronteiras. É impensável a desinstalação do complexo militar nas ex-repúblicas populares, portanto a esperança é de que se chegue a um acordo que retarde a expansão da OTAN.

No momento em que os EUA estão voltando suas forças militares e econômicas para cercear a expansão mundial da China, não é conveniente abrir uma frente de guerra com a Rússia, na Ucrânia. Tudo indica que é mais importante o conflito em torno a Taiwan. É na China que estão instaladas as multinacionais. E

“*A progressão das forças militares das potências foi tolerada, até o ponto em que se aproximou das fronteiras russas, com o intento de incorporar a Ucrânia e a Geórgia à OTAN. Nas mesas de discussão diplomática, Putin pediu, não só o fim do expansionismo militar dos Estados Unidos em direção às fronteiras russas, como também a retirada das bases militares instaladas no Leste Europeu.*”

onde o capitalismo de Estado, manejado pela burocracia do Partido Comunista, se levantou como uma trava aos interesses das potências, nas condições de retomada da desintegração do capitalismo no pós guerra, e que vem impondo retrocessos no domínio econômico exercido pelos EUA.

Esgotou-se o processo de restauração, sob a forma de capitalismo de Estado. Não bastou reincorporar as ex-repúblicas populares e parte das repúblicas soviéticas, bem como reunificar a Alemanha. É preciso que a Rússia e a China permitam reconstruir o poder da burguesia, sob a influência e comando das potências imperialistas. O esquadramento das fronteiras nacionais traçado, finalmente, na Conferência de Potsdam, em 1945, já não suporta a contradição entre as forças produtivas e as relações de produção, sob a forma monopolista e do parasitismo financeiro. A derrocada das repúblicas populares e da URSS reflete objetivamente as pressões das forças produtivas, sob a forma capitalista-imperialista de produção. As conquistas do proletariado russo e mundial se tornaram completamente incompatíveis com o domínio e o saque imperialistas. A nova ordem mundial de Potsdam entrou em choque com o esgotamento da reposição das forças produtivas no pós-guerra, liderada pelo Plano Marshall e resguardada pela Guerra Fria.

Ou as revoluções proletárias se contrapõem ao imperialismo, e fortalecem a transição do capitalismo ao socialismo, ou as conquistas alcançadas sob a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas seriam golpeadas pela contrarrevolução. Imperou a segunda variante. A possibilidade do atual conflito desencadear uma guerra na Ucrânia, pondo em confronto aberto os Estados Unidos e Rússia, foi engendrada nas condições de avanço da contrarrevolução.

A URSS foi edificada em meio à guerra civil e o cerco militar imperialista, mesmo depois de encerrada a guerra mundial, em 1918. O proletariado e os camponeses se uniram heroicamente, para vencer a contrarrevolução no campo de batalha, sob a direção revolucionária do partido bolchevique. A destruição da URSS estabeleceu um novo quadro, em que o proletariado e os demais



“
Ou as revoluções proletárias se contrapõem ao imperialismo, e fortalecem a transição do capitalismo ao socialismo, ou as conquistas alcançadas sob a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas seriam golpeadas pela contrarrevolução. Imperou a segunda variante.

explorados passaram a ser dirigidos no sentido da restauração capitalista, sem se dessem conta de que essa regressão colocaria a Rússia e a China no centro da crise mundial do capitalismo. Não há como resguardar a independência e a soberania conquistadas pelas revoluções proletárias sob o capitalismo de Estado. Se a Rússia e a China não cederem a sua independência, ou parte dela, terão de se bater mais diretamente com a guerra comercial em curso, e com o recrudescimento do cerco militar do imperialismo.

A política do proletariado mundial se volta contra o domínio imperialista e contra a burocracia restauracionista. O seu programa é o da revolução mundial, aplicado nas condições particulares da luta de classes, em cada país e região. A resposta à crise europeia se sintetiza na luta pelos Estados Unidos Socialistas da Europa. A vanguarda ucraniana com consciência socialista deve lutar contra as forças que a arrastam para a guerra, com a bandeira “Por uma Ucrânia Soviética Independente”. Na Rússia, erguer a bandeira de reconstituição da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, sobre a base do programa da revolução de Outubro de 1917. Nos EUA e na Europa imperialistas, cabe aos explorados voltarem-se contra a militarização, a expansão da OTAN e a preparação da guerra, lutando sob a bandeira da revolução e do internacionalismo proletário. Não à guerra de domínio imperialista! Sim à guerra de classe contra a burguesia, pela derrocada do capitalismo e retomada da transição do capitalismo ao socialismo! Essa luta proletária depende da vanguarda com consciência de classe reconstruir o Partido Mundial da Revolução Socialista, a IV Internacional.

Publicado o livro:

LEON TROTSKY

A CONTINUIDADE DO MARXISMO-LENINISMO

“
Este livro objetiva expor essa dialética do combate de Trotsky ao estalinismo. Não há como continuar o marxismo-leninismo sem assimilar esse processo, que se desencadeou já em 1923, quando Lênin ainda vivia e sentia o peso da enfermidade, que o levaria à morte em 1924, e concluiu com o assassinato de Trotsky em 20 de agosto de 1940. Este livro, portanto, é uma homenagem militante, prática, proletária e marxista aos 80 anos de seu assassinato”.

LEON TROTSKY
A CONTINUIDADE
DO MARXISMO-LENINISMO

R\$ 35

**ADQUIRA
COM NOSSO
DISTRIBUIDOR**

Escalada militar em torno à Ucrânia

Somente o proletariado organizado e em luta pode responder com seu programa e política próprios aos perigos da guerra

1 de fevereiro de 2022



Rússia não pretende invadir e ocupar a ex-República Soviética da Ucrânia. Sua esperança é a de obter um acordo que estabeleça um limite para a expansão da OTAN e o armamento das ex-Repúblicas Populares do Leste Europeu e ex-Repúblicas Soviéticas, que vêm servindo de vassalãs ao imperialismo. Os cem mil soldados, postos na fronteira com a Ucrânia, foram a única forma que o governo de Putin teve para abrir caminho às negociações. Se não fosse assim, os Estados Unidos da América (EUA) e aliados europeus, por meio da OTAN, apertariam ainda mais o cerco, incluindo a Ucrânia e a Geórgia no sistema de vassalagem.

Desde a desintegração da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), os EUA impulsionam um movimento de isolamento gradual da Rússia, uma vez que o imperialismo não pode conviver com uma potência regional, que como tal está obrigada a conservar seu poder econômico e militar sobre as inúmeras nacionalidades, que estiveram sob o domínio do velho império russo, e que se emanciparam com a revolução proletária de Outubro, vindo a constituírem-se como Repúblicas Socialistas Soviéticas, e membros federativos da URSS.

A Rússia deixou de ser uma potência imperial, sujeita aos avanços do capitalismo na época imperialista, em 1917, com a vitória da revolução, para se tornar uma cidadela da luta do proletariado mundial contra o capitalismo e a dominação imperialista. Ergueuse em meio à Primeira Guerra Mundial e à guerra civil, e, imediatamente, garantiu o direito à autodeterminação dos povos oprimidos, e permitiu que se tornassem repúblicas independentes, livres do jugo imperial da Grã-Rússia, e livres para se associarem em uma federação socialista.

O imperialismo europeu, encabeçado pela Inglaterra e França, não conseguiu matar a revolução no nascedouro, e impedir que emergissem nações livres, voltadas a desenvolver o socialismo e a resistir ao combate mundial do imperialismo contra a sua estabilização e desenvolvimento. O proletariado e as massas camponesas deram milhões de vidas para derrotar a Alemanha, e impedir que a aliança imperialista vencedora (Entente) arrastasse a região sovietizada para a partilha do mundo imposta pelos vencedores.

A revolução proletária, não apenas libertou as nacionalidades oprimidas, como impediu que caíssem nos braços das potências saqueadoras. A revolução proletária na Rússia rompeu um elo da cadeia do capitalismo, e o nascimento da URSS estabeleceu uma poderosa trincheira para o desenvolvimento das bases do novo regime socialista e da revolução mundial. A destruição da URSS se tornou o objetivo central do imperialismo. A sua derrocada resultaria na interrupção da transição do capitalismo ao socialismo, e, portanto, na derrocada geral do movimento revolucionário mundial.

A derrota esmagadora da Alemanha, na Primeira Guerra, perante a qual a Rússia revolucionária teve um papel de primeira magnitude, e a derrota das forças imperialistas, voltadas a esmagar a revolução, estabeleceram a base inicial da fortaleza que se erguia com enormes sacrifícios da classe operária e dos camponeses pobres, enfrentando a ruína da economia, a generalização da fome e a

proliferação das epidemias.

A Ucrânia, em particular, foi fundamental para o enfrentamento à contrarrevolução. A Alemanha, já derrotada, mantinha sua ocupação, em outubro de 1918. Os vencedores, Inglaterra, França e Estados Unidos, instavam os alemães a se manterem na Ucrânia, até que pudessem substituí-los. Em julho de 1919, o Exército Vermelho combatia a contrarrevolução, diretamente alimentada pela Entente, com armas e homens. O desenvolvimento da luta revolucionária e sua vitória na guerra civil, na Ucrânia, foram decisivos para firmar o curso de constituição da URSS. No presente, um século depois, voltou a ser uma região de guerra civil e de intervencionismo imperialista.

A derrubada do governo pró-Rússia na Ucrânia, em 2014, foi um dos sintomas da restauração capitalista, desintegração da URSS, enfraquecimento da Rússia e subordinação das ex-repúblicas populares do Leste e parte das ex-repúblicas soviéticas. O processo de restauração, que despontou já em 1923-1924, com a ascensão de Stalin ao poder, ganhou novas formas na Segunda Guerra Mundial, com a participação da URSS, nos acordos de uma nova partilha do mundo. A dissolução da III Internacional, em 1943, fez parte desse movimento retrógrado, que refletia inúmeras derrotas do proletariado neste período. É importante não desconhecer e não perder de vista as raízes do choque da Rússia com o imperialismo norte-americano, que passou a ter uma nova dimensão com o desmoronamento da URSS.

A tentativa de realizar a restauração capitalista por meios pacíficos, acordados e administrados, se mostrou inviável. Internamente, o fim da URSS se deu nas condições de decomposição do Partido Comunista, de divisão na oligarquia governante, e de golpe de Estado, dando lugar a esmagamentos de revoltas e eclosão de guerras civis. Externamente, os Estados Unidos passaram a montar o cerco à Rússia, por meio da OTAN. Os Estados vassalôs, que passaram a fazer parte desse braço armado das potências, servem de cobertura à intervenção do imperialismo norte-americano, a exemplo da Polônia.

Entre 2001 e 2002, o presidente George W. Bush fez uma ofensiva para realizar a incorporação, na OTAN, em cadeia, dos países que se desprenderam da URSS e do Pacto de Varsóvia. Evidenciou a Putin que a expansão era irreversível. E incitou as ex-repúblicas a ajudarem militarmente a Aliança Atlântica, no sentido de entregar seus territórios à instalação de bases militares. Agora, com a afronta de Putin, pesados armamentos foram transferidos dos países bálticos (Lituânia, Estônia e Letônia) para a Ucrânia. Essa resposta norte-americana reforça a constatação de que, objetivamente, o cerco militar que se fecha em torno à Rússia é uma ameaça à sua segurança.

Os EUA somente não foram mais ofensivos devido a desacordos entre os aliados europeus. Se dependesse da Inglaterra, a OTAN já teria dado passos mais ofensivos. Mas, as reticências da França e a resistência da Alemanha não têm permitido, por enquanto, estabelecer uma unidade voltada ao confronto aberto com a Rússia. Uma conflagração no território ucraniano, que contasse com a intervenção das forças imperialistas do Ocidente, certamente, provocará

um estrago econômico em toda a Europa. Basta o fato de a Rússia abastecer em 30% de petróleo e 40% de gás natural os países europeus, e, em especial, a Alemanha, para se compreender o cuidado como estão tratando a escalada militar. Biden ameaça, com sanções econômicas, a Rússia; Putin conta com os interesses da Alemanha, França, Itália, Hungria, etc.

A reunião do Conselho de Segurança da ONU, convocada pelos EUA, contra o voto da Rússia e da China, não passou de um teatro de acusações conhecidas, mas refletiu a pressão do imperialismo norte-americano, junto aos membros da OTAN, em favor da escalada militar. Permanecem secretas a Carta dos EUA e a resposta da Rússia, emitidas depois do fracasso das negociações, em janeiro. Pelo teor da continuidade do choque, se sabe que os EUA mandaram as exigências de Putin às favas.

A disputa territorial da Rússia com a Ucrânia se fez por meio da anexação da Criméia, em 2014, logo após a vitória do referendo em favor da Rússia, sabe-se que foi uma ação forçada, embora tenha parecido democrática e pacífica. Já nas regiões de Donetsk e Lugansk, continua o rescaldo da guerra civil. A Rússia exige que sejam reconhecidas as respectivas repúblicas. O fortalecimento militar da Ucrânia representaria para a Rússia a continuidade da disputa territorial. O imperialismo não aceitou a perda da Criméia, ponto estratégico para o cerco à Rússia.

Em toda essa escalada militar, se sabe pouco sobre a atitude da classe operária, dos camponeses e da classe média. Tudo indica que a população, pouco informada e envolvida nos acontecimentos, espera uma solução diplomática, sem se dar conta de que está colocada a possibilidade de uma guerra, que começaria em solo ucraniano, e que, uma vez iniciada, poderia se tornar o epicentro de uma grande convulsão na Europa. As tendências cegas da desintegração do capitalismo, do agravamento das disputas comerciais, e da potenciação do militarismo, se fazem presentes no confronto da Rússia com os Estados Unidos, tendo a Ucrânia como campo de batalha.

Há que se considerar o agravamento da guerra comercial entre os EUA e a China, principalmente com as medidas unilaterais tomadas pelo governo Trump, e seguidas pelo seu sucessor Biden. O governo chinês se viu obrigado a se alinhar com a Rússia, uma vez que necessitará dessa aliança, quando o conflito em torno a Taiwan tomar a dimensão que alcançou na Ucrânia.

A ordem mundial, que se edificou no final da Segunda Guerra, vem sendo paulatinamente desintegrada. A vitória do imperialismo contra as conquistas revolucionárias do proletariado mundial, que culminou com o desmoronamento da URSS, resultou, não na preservação dos equilíbrios de forças do pós-guerra, mas em um novo período de desequilíbrios, em que expressam a caracterização do marxismo-leninismo-trotskismo, de que o imperialismo é a etapa última do capitalismo, e, portanto, de guerras, revoluções e contrarrevoluções.

As forças produtivas altamente desenvolvidas não mais cabem na partilha do mundo, resultante das duas grandes guerras. A URSS e seus satélites no Leste Europeu não poderiam sobreviver fechados em suas fronteiras, sem que a revolução proletária avançasse no continente europeu e demais latitudes. A hegemonia norte-americana se impôs como uma força contrarrevolucionária poderosa.

A revolução na China poderia ser um fator decisivo na balança do processo de transição do capitalismo ao socialismo, mas padeceria do mesmo mal do nacionalismo, do burocratismo e do afastamento dos explorados na condução e decisões do Estado.

A República Soviética da Rússia começou a sofrer da degeneração, logo que a classe operária perdeu o controle dos órgãos de poder soviéticos criados pela revolução. A burocracia estatal, que se formou acima das massas operárias e camponesas, acabaria por sucumbir às pressões capitalistas e da ofensiva das potências contra o comunismo.

A Rússia, depois de tantas concessões aos EUA, se viu obrigada a reagir contra o cerco da OTAN, mas não com os métodos do proletariado, completamente erradicado no processo de restauração. Mas sim com o mesmo método exercido pelo imperialismo, para se impor às nações oprimidas. As populações das ex-repúblicas soviéticas perderam a confiança nos propósitos da burocracia ditatorial, que passou a exercer a opressão nacional ainda no marco da URSS. Onde se manifesta opressão nacional, não há socialismo, mas capitalismo. No caso da ex-URSS, a restauração do capitalismo.

É com essa compreensão histórica – que expressa o programa da revolução e do internacionalismo proletários – que a vanguarda com consciência de classe terá de responder à ameaça de guerra, e à guerra se vier a se impor.

Na declaração do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional, de 18 de janeiro, se define a seguinte posição: *“A política do proletariado mundial se volta contra o domínio imperialista e contra a burocracia restauracionista. O seu programa é o da revolução mundial, aplicado nas condições particulares da luta de classes, em cada país e região. A resposta à crise europeia se sintetiza na luta pelos Estados Unidos Socialistas da Europa. A vanguarda ucraniana com consciência socialista deve lutar contra as forças que a arrastam para a guerra, com a bandeira “Por uma Ucrânia Soviética Independente”. Na Rússia, erguer a bandeira de reconstituição da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, sobre a base do programa da revolução de Outubro de 1917. Nos EUA e na Europa imperialistas, cabe aos explorados voltarem-se contra a militarização, a expansão da OTAN e a preparação da guerra, lutando sob a bandeira da revolução e do internacionalismo proletário. Não à guerra de domínio imperialista! Sim à guerra de classe contra a burguesia, pela derrocada do capitalismo e retomada da transição do capitalismo ao socialismo! Essa luta proletária depende da vanguarda com consciência de classe reconstruir o Partido Mundial da Revolução Socialista, a IV Internacional”.*

Diante da escala militar dos EUA e da OTAN, coloca-se a bandeira pelo fim da OTAN, e retirada imediata de suas bases militares nas ex-repúblicas populares do Leste Europeu e nas ex-repúblicas soviéticas. Na Rússia e na Ucrânia, combater sob a bandeira de autodeterminação das nações oprimidas, pela derrubada da burocracia governamental e da oligarquia burguesa, sob o programa de recuperação das conquistas da revolução proletária e da reconstituição da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Esse é o programa e a luta que unifica o proletariado e os demais explorados para marcharem sob a bandeira de fim das guerras imperialistas e pelos Estados Unidos Socialistas da Europa.

“ *A vitória do imperialismo contra as conquistas revolucionárias do proletariado mundial, que culminou com o desmoronamento da URSS, resultou, não na preservação dos equilíbrios de forças do pós-guerra, mas em um novo período de desequilíbrios, em que expressam a caracterização do marxismo-leninismo-trotskismo, de que o imperialismo é a etapa última do capitalismo, e, portanto, de guerras, revoluções e contrarrevoluções.*

À CLASSE OPERÁRIA, AOS DEMAIS TRABALHADORES
E À VANGUARDA MUNDIAL QUE LUTA PELO SOCIALISMO

Estados Unidos empurram Rússia à guerra

Resposta proletária internacionalista

22 de fevereiro de 2022



O conflito na fronteira da Ucrânia dura cerca de três meses. Na segunda semana de dezembro de 2021, a Rússia apresentou suas exigências aos Estados Unidos, para que cessassem o avanço da OTAN e desmontassem o cerco militar já existente.

A escalada desse braço armado do imperialismo norte-americano e europeu se iniciou poucos anos depois de sua criação em 1949, quando reuniu doze membros. Entre 1952 e 1990, se deu o primeiro passo expansionista, incluindo a Grécia, Turquia, Alemanha e Espanha. Nove anos depois, em 1999, foi a vez da Polônia, Hungria e República Checa. A todo vapor, a marcha da OTAN rumo ao cerco da Rússia, entre 2004 e 2009, incorporaria mais oito países - Bulgária, Romênia, Albânia, Eslováquia, Croácia e três ex-repúblicas soviéticas do Báltico, Lituânia, Estônia, Letônia. Na Cúpula da OTAN de Budapeste, em 2008, a delegação americana, liderada por George W. Bush, defendeu o ingresso da Ucrânia e Geórgia. A Alemanha e França se opuseram, com a justificativa de que era prematuro. O choque separatista na Geórgia e o não convencimento majoritário dos ucranianos seriam impedimentos para a OTAN dar um passo nesse sentido. A Rússia, apesar de não integrar a organização militar, teve como se pronunciar. Vladimir Putin fez menção à segurança da Rússia e às possíveis reações contrárias. Como a decisão é por consenso, a ofensiva do governo Bush não prosperou, mas ficou plantada a semente, que germinou na crise ucraniana de 2013-2014, e que veio a florescer em 2021-2022.

A via para caminhar no sentido do ingresso da Ucrânia na União Europeia e, daí, na OTAN, foi a de um levante popular, apoiado pelo imperialismo, contra o governo títere da Rússia e a favor de sua substituição por um governo serviçal das potências ocidentais. Os Estados Unidos aguardaram o momento propício em que a

“ *Os Estados Unidos aguardaram o momento propício em que a burocracia restauracionista ucraniana se despedaçasse, diante de uma população descontente com as condições de existência e com o regime apodrecido até a medula, e, principalmente, diante de uma completa desorganização da classe operária e dos demais trabalhadores.* ”

burocracia restauracionista ucraniana se despedaçasse, diante de uma população descontente com as condições de existência e com o regime apodrecido até a medula, e, principalmente, diante de uma completa desorganização da classe operária e dos demais trabalhadores. O choque interno deu lugar a um movimento separatista e à guerra civil na região de Donbass, envolvendo Donetsk e Luhansk, que se proclamaram repúblicas populares independentes, apoiadas pelo governo de Putin. Completa o quadro de ruptura, a anexação da Criméia pela Rússia. Os Estados Unidos impuseram sanções econômicas, mas não tiveram como reverter a divisão de parte do território ucraniano.

Os governos eleitos na Ucrânia se valeram da caricatura de democracia escorada pelas potências, para levantar a bandeira de independência, que lhes permitiria efetuar o objetivo de fazer parte da União Europeia e da OTAN. O aventureiro Volodimir Zelenski, presidente da Ucrânia, não mediu as consequências do que seria colocar o país sob o comando dos Estados Unidos e do aparato militar da OTAN, postados às portas da Rússia, já comprimida desde o Leste Europeu e Balcãs. A frustrada ofensiva de Bush, na Cúpula de Budapeste, tomava forma concreta na crise de 2014 e progredia em 2021.

É nesse marco que Putin e seus generais não viram alternativa a não ser recorrer à pressão militar sobre a Ucrânia, e, em certa medida, a Alemanha e França, que não viram com bons olhos, em 2008, o desprezo dos Estados Unidos ao precário equilíbrio da Europa, que tendia à desestabilização em consequência da crise econômica estrutural do capitalismo mundial, que passou a expor as contradições de fundo, que estiveram na base das duas guerras mundiais. Recrudescer o cerco militar à Rússia resultaria em alterar a engrenagem montada no pós-Segunda Guerra, que movimentava a superestrutura já em estado de avançada deterioração. Apenas de passagem, é preciso considerar a guerra comercial dos Estados Unidos e aliados com a China, que tende a se agravar e aumentar as tensões militares na Ásia.

Os Estados Unidos acumulam uma vasta quantidade de capital parasitário represado, que precisa ser desaguado por meio do saque dos países semicoloniais. Onde existir abundantes recursos naturais, o imperialismo tem a necessidade de controlar, como é o caso da Rússia e da região circunvizinha sobre a qual tem ascendência. A indústria bélica, dominada pelos monopólios norte-americanos, ocupa um lugar chave nas relações econômicas e financeiras parasitárias. A OTAN é um conduto por onde o Estado imperialista flui o capital parasitário, que, segundo o ex-presidente Trump, deveria contar com muito mais recursos dos grandes sócios europeus. Por meio desse braço armado, os Estados Unidos passaram a exercer mais ostensivamente o seu poder econômico no pós-guerra e a desenvolver o combate à URSS e China, as principais colunas erguidas pelas revoluções proletárias.

Para o mal da humanidade, confirmaram-se as previsões de Lênin e Trotsky, de que, se a revolução mundial não avançasse, a transição do capitalismo ao socialismo poderia regredir e retardar muito mais a marcha histórica do desaparecimento da sociedade de classes. Em seus últimos esforços, Lênin travou a luta contra os primeiros sinais da burocratização do regime soviético e pela elevação da classe operária à condição de dirigente do Estado e da economia. Caso contrário, o estrangulamento da ditadura do proletariado interromperia a transição do capitalismo ao socialismo. Trotsky deu continuidade a esse fundamento leninista da revolução proletária como parte da revolução mundial. Diante da sedimentação do processo de burocratização e das evidências inconfundíveis quanto à liquidação do partido bolchevique e da III Internacional, a Oposição de Esquerda Internacional concebeu a estratégia e o programa da revolução política. É nessa luta que Trotsky admitiu a possibilidade de a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) sofrer, finalmente, uma derrocada. No caso de a revolução política não se impor e não se restabelecer a democracia soviética, o retrocesso do movimento revolucionário mundial seria profundo. O capitalismo em decomposição elevaria a barbárie a níveis escabrosos. Nesse marco, ressurgiria, sob as cinzas da URSS, a velha dominação sobre as nacionalidades, que, por séculos, sustentou o Império Russo. Trotsky foi assassinado a mando de Stalin, em meio à Segunda Guerra Mundial, mas teve tempo de fundamentar o programa da revolução política como parte da

revolução social mundial.

A vitória final do imperialismo viria a ocorrer em 1991, quando a burocracia governamental, herdeira do estalinismo em decomposição, não teve mais como manter a centralização autoritária e desmoronou, seguindo os objetivos do imperialismo, guiado pelos Estados Unidos e amparado na OTAN. Em consequência do caráter anárquico da crise política, o governo de Putin reconstituiu a centralização burocrática, assentada na oligarquia empresarial, que se desenvolveu durante os anos de estalinização e, principalmente, depois da “desestalinização” sob o comando de Khrushchov.

É necessário recorrer às raízes das causas históricas, que levaram ao desfiguramento paulatino da URSS e ao seu desmoronamento final. Somente assim, a classe operária, os demais explorados e a vanguarda com consciência de classe podem levantar uma posição revolucionária diante do choque instalado e da possibilidade de uma guerra na Ucrânia, cujas duas principais forças são a do imperialismo norte-americano e a da autocracia russa restauracionista.

Os Estados Unidos não admitem que a Ucrânia seja impedida de concluir sua subordinação à União Europeia e ao imperialismo norte-americano, assegurada pelas armas da OTAN, como tem ocorrido com a Polônia e as demais ex-repúblicas populares originadas na Segunda Guerra. Putin retiraria os soldados da fronteira com a Ucrânia, se Biden aceitasse o pleito mínimo da Rússia. A resposta americana de se realizar um acordo de controle de armas não passou de uma provocação. O problema está em que a Rússia já não pode ceder mais terreno com o desmoronamento da URSS e o avanço dos Estados

Unidos na Europa Central e Oriental, promovido pela OTAN. A posição defensiva da Rússia, porém, se faz pelos mesmos meios, métodos e objetivos do imperialismo, que são a opressão econômica, intervenção militar e anexações.

A Ucrânia se livrou do Estado Operário degenerado, para se lançar nos braços do Estado imperialista mais potente, saqueador e sanguinário, que substituiu na Segunda Guerra a velha hegemonia da Inglaterra. Trotsky e a Oposição de Esquerda Internacional, em sua luta contra a opressão da autocracia estalinista, logo no início da guerra, em 1939, defendeu o direito da Ucrânia à independência, quando ainda existiam as bases soviéticas, sobre as quais originalmente conquistou a sua autodeterminação. Essa posição programática se opunha à burocracia oligárquica russa e à nacionalista ucraniana. Ao não se percorrer o caminho da real independência, a Ucrânia se tornou peão das forças desintegradoras do capitalismo, do confronto militar e dos perigos de uma guerra.

O fracasso da intermediação da França, para se chegar a um acordo entre Estados Unidos e Rússia, demonstra que o imperialismo norte-americano se mantém inflexível em ceder a um acordo de “neutralidade” da Ucrânia, e admitir que a Rússia permaneça no controle das fronteiras e conserve a anexação da Crimeia. O reconhecimento do parlamento russo da independência de Donetsk e Luhansk oficializa um golpe sobre a unidade territorial

“ *A Ucrânia se livrou do Estado Operário degenerado, para se lançar nos braços do Estado imperialista mais potente, saqueador e sanguinário, que substituiu na Segunda Guerra a velha hegemonia da Inglaterra. Trotsky e a Oposição de Esquerda Internacional, em sua luta contra a opressão da autocracia estalinista, logo no início da guerra, em 1939, defendeu o direito da Ucrânia à independência, quando ainda existiam as bases soviéticas, sobre as quais originalmente conquistou a sua autodeterminação.* ”

da Ucrânia. É por essa via que Putin pressiona Volodimir Zelensk, presidente da Ucrânia, a aceitar um acordo que proíba a OTAN de se instalar no país. O reconhecimento das duas repúblicas, que se autoproclamaram “popular”, é a forma legal para avançar as tropas russas no interior da Ucrânia. Esse passo de Putin, com apoio dos partidos no parlamento, inclusive o do Partido Comunista, indica que o governo chegou à conclusão de que o impasse pode obrigá-lo a avançar uma força de ocupação, com o risco de guerra na Ucrânia.

Os Estados Unidos, no momento em que concentravam suas atenções na guerra comercial com a China e nas operações típicas de cerco militar, não esperavam essa ofensiva da Rússia. A ascensão econômica da China e a recuperação da Rússia, que saiu enfraquecida do desastre do desmoronamento da URSS, nas condições de crescentes impasses da economia mundial e, em particular, interna aos Estados Unidos, têm alterado a relação de forças no âmbito internacional. O imperialismo norte-americano já não pode assegurar, nos termos do pós-guerra e do colapso da URSS, as mesmas posições de dominação mundial. A ousadia de Putin de cercar a Ucrânia e exigir a segurança da Rússia contra a escalada militar da OTAN, bem como de obter apoio estratégico da China, revela profundas mudanças na ordem internacional, montada sob a égide dos Estados Unidos no pós-Segunda Guerra Mundial.

O que está se passando na Ucrânia é uma erupção da contradição entre as forças produtivas altamente desenvolvidas, as relações de produção capitalistas e as fronteiras nacionais. Nesse marco, emergem as contradições do aumento da concentração de riqueza e ampliação da pobreza, miséria e fome das massas. Os capitalistas, em toda a parte, vêm impondo contrarreformas que mutilam a força de trabalho e travam o desenvolvimento econômico dos países semicoloniais. O período de pouco mais de dois anos de enfrentamento à pandemia pôs à luz do dia o quanto a burguesia não tem como proteger os explorados, o quanto os monopólios farmacêuticos se aproveitaram da catástrofe humana para acumular fortunas, e o quanto as potências projetaram a guerra comercial por cima da montanha de mortos.

Agora, a possibilidade de guerra na Ucrânia retrata a dimensão da crise mundial de direção revolucionária, que se iniciou com a destruição das bases soviéticas da Revolução Russa pelo estalinismo, a liquidação da III Internacional, a degeneração dos partidos comunistas estalinizados em todo o mundo e a implantação generalizada da política de conciliação nos sindicatos. O confronto entre os Estados Unidos e a Rússia, por enquanto, emerge sem uma reação do movimento operário internacional. A passividade das massas na Rússia, Ucrânia, Polônia, Alemanha, França e, em praticamente, toda a Europa expressa a necessidade de superar a crise de direção. Somente o proletariado, organiza-

do e empenhado em derrotar as ações contrarrevolucionárias da burguesia, tem como responder às tendências destrutivas da crise capitalista.

O Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional (CERQUI) vem fazendo uma campanha contra a guerra imperialista com suas Declarações, empunhando o programa internacionalista do proletariado. A união dos operários e demais explorados russos, ucranianos, norte-americanos, poloneses, franceses, alemães e dos demais países envolvidos é o ponto de partida para a união revolucionária mundial das massas, para derrotar o imperialismo e arrancar do poder a burocracia oligárquica russa, reconstituindo o poder proletário soviético. A defesa da autodeterminação da Ucrânia e de sua reconstituição soviética é parte do combate à guerra de dominação capitalista e imperialista. Essa luta é muito importante para a vanguarda com consciência de classe recuperar a tradição científica do marxismo e trabalhar no terreno sólido aplainado pelo Programa de Transição da IV Internacional, que deve ser aplicado de acordo com as novas condições do capitalismo em decomposição e da vitória final do imperialismo sobre a URSS.

As bases materiais e sociais da transição do capitalismo ao socialismo continuam vigentes. Trata-se de construir os partidos marxista-leninista-trotskistas, como parte da reconstrução do Partido Mundial da Revolução Socialista, a IV Internacional, para o proletariado encarnar a tarefa de reiniciar o processo de transição do capitalismo ao socialismo, iniciado com a revolução de Outubro de 1917 e com a edificação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

O Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional chama os explorados do mundo todo a reagirem ao confronto militar na Ucrânia, com seu programa e política próprios.

Pelo fim da OTAN. Imediata retirada das bases militares da Polônia, Romênia e outros países.

Expulsão dos Estados Unidos da Europa.

Pelo fim do desmembramento e anexação territorial da Ucrânia! Pela reintegração de russos e ucranianos em Donetsk e Luhansk!

Pela união da classe operária contra a guerra, pelo fim do capitalismo e pela retomada da transição do capitalismo ao socialismo!

Pela derrota do nacionalismo pró-imperialista e restauracionista! Pelo internacionalismo proletário!

Não à guerra! Sim, à revolução socialista!



R\$ 30

ADQUIRA COM NOSSO DISTRIBUIDOR DO MASSAS

Lênin estrategista da revolução proletária
Apontamentos sobre a história do Partido Bolchevique

LANÇAMENTO LIVRO

Lênin estrategista da revolução proletária

Este livro faz parte da luta da vanguarda consciente em superar a crise mundial de direção, construindo o Partido Operário Revolucionário, como seção brasileira do Comitê de Enlace pela Reconstrução do Partido Mundial da Revolução Socialista, a IV Internacional.



Nova Coleção Editorial

Somente a classe operária mundial pode acabar com a escalada militar dos EUA-OTAN e com a intervenção da Rússia na Ucrânia

25 de fevereiro de 2022



Os Estados Unidos (EUA) não aceitaram a exigência da Rússia de não incorporar a Ucrânia na OTAN. Assim, fecharam a possibilidade de um acordo diplomático. Biden tinha plena clareza de que Putin não poderia retroceder o cerco militar à Ucrânia de mãos vazias. Eis por que, desde os EUA, o chefe do imperialismo mundial afirmava com toda certeza que Putin ordenaria a invasão da Ucrânia. O governo ucraniano reclamou da insistência com que Biden anunciava a iminência da invasão. Mas, se mostrou incapaz de ter uma decisão própria em abrir a discussão de um acordo com a Rússia. O curso dos acontecimentos dependia inteiramente dos EUA, que estavam por levar o conflito ao impasse e daí à invasão da Ucrânia pela Rússia.

A campanha internacional da imprensa controlada pelas potências foi a de que os EUA, os aliados europeus e a OTAN estavam por uma solução pacífica, e que a Rússia avançava no caminho da guerra. O aparato publicitário comandado desde Washington inverteu completamente a verdade dos fatos, pintando a Rússia como uma força poderosa, que estava na ofensiva. Na realidade, a Rússia esteve e está na defensiva. O ultimato de Putin ao governo da Ucrânia de interromper as tratativas de incorporar-se na União Europeia e OTAN se deveu ao cerco dos EUA e da OTAN à Rússia, que, desde a derrocada da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), em 1991, vêm passo a passo instalando bases militares no Leste Europeu e Báltico, voltadas contra o seu rival econômico e militar na Europa Oriental.

Em todos os choques e guerras civis que

envolveram a Rússia e as ex-repúblicas soviéticas estavam presentes os interesses da burguesia norte-americana e europeia. Agora, a Rússia continua com suas ações militares de divisão da Ucrânia e anexação territorial, lançadas desde a crise de 2014. O reconhecimento formal, pelo Parlamento russo, da independência das auto-intituladas repúblicas populares de Donetsk e LuhansK, faz parte do desmembramento e posse da Crimeia pela Rússia. A bravata proferida por Putin de que a Ucrânia pertence por direito histórico à Rússia, reportando ao império Grão-Russo e condenando a revolução proletária por ter criado a URSS, não faz senão demonstrar que, em sua posição defensiva, diante do cerco norte-americano, realiza uma ofensiva sobre o povo ucraniano. E, por outro lado, a farsa de Biden, com a denúncia de que Putin pretende reerguer a URSS, reflete a necessidade do imperialismo de pôr a Rússia de joelhos.

Não bastaram, para os EUA e aliados europeus, o desabamento da URSS e a emergência de inúmeras repúblicas opositoras à Rússia, que teve de se adaptar a uma restrita Federação. O objetivo central da Guerra Fria havia sido cumprido sob os governos de Gorbachev e Ieltsin. A liquidação da URSS foi de ordem histórica, uma vez que interrompeu o processo de transição do capitalismo ao socialismo, que implicava o desenvolvimento da revolução mundial. O problema estava em que a Rússia havia se tornado uma potência regional, baseada nas conquistas da revolução proletária e da constituição da URSS, que congregou os povos oprimidos pelo império Grão-Russo.

As potencialidades econômicas da Rússia são gigantescas, diante de uma Europa esgotada e em declínio. A reorganização da centralização autoritária e a reversão por Putin do processo desordenado da restauração capitalista, em seguida à liberação de forças anárquicas da crise política, que se aprofundou sob o governo golpista de Ieltsin, se chocaram com o plano dos Estados Unidos de tornarem a Rússia em mais uma das semi-colônias, ainda que com distinção. A Guerra Fria foi oficialmente declarada extinta, mas, na realidade, apenas mudou de forma, uma vez que os Estados Unidos mantiveram a OTAN e a potenciaram contra a Rússia.

É nesse marco que se chegou à intervenção e guerra na Ucrânia. Está claríssimo que a posição militar do governo e da oligarquia russos é defensiva diante do cerco imperialista, mas ofensiva diante da Ucrânia espremida entre os interesses da burguesia imperialista e os da oligarquia restauracionista. É fundamental distinguir o lugar dos EUA e o da Rússia nesse choque de forças. Igualá-los significa ocultar o lugar que cada um passou a ter no âmbito do capitalismo mundial em desintegração, depois da liquidação da URSS.

Somente é possível ao proletariado e aos demais explorados expulsarem as forças militares russas da Ucrânia, levando às últimas consequências a luta de classes pela expulsão dos EUA da Europa. A Rússia restauracionista não tem como manter sua condição de potência regional, a não ser submetendo as ex-repúblicas soviéticas à condição de serviçais. E o imperialismo não tem como abrir respiradouros para a economia mundial, mergulhada na estagnação e marcada por recessões cada vez mais desintegradoras, a não ser avançando sobre o domínio russo regional e sobre seus recursos internos, bem como, diga-se de passagem, sobre as aspirações chinesas de manter os espaços ocupados na ordem internacional após o fim da URSS. Tudo indica, por enquanto, que a OTAN não irá se bater diretamente com as Forças Armadas russas.

As divisões na burguesia europeia expressam o temor de setores do imperialismo de os EUA incentivarem a guerra. O máximo

que a Rússia poderá obter com a ocupação militar da Ucrânia, no entanto, é retardar sua incorporação à OTAN. A tendência é de a crise na região impulsionar ainda mais as forças centrífugas e aumentar a animosidade das ex-repúblicas soviéticas à Rússia. Os Estados Unidos contam com essa possibilidade, e vão apertar ainda mais o cerco militar. Embora seja a segunda potência bélica, a Rússia não tem como passar à ofensiva e se bater contra a ampla aliança imperialista, montada pelos Estados Unidos no pós-guerra e por meio da Guerra Fria. A aliança recém-formada com a China constitui uma força mundial considerável, mas a possibilidade de se armar para uma guerra com os Estados Unidos é menos provável que a abertura de seus países à penetração do capital financeiro. O essencial, porém, está em que o confronto militar na Ucrânia evidencia um novo momento da manifestação das tendências bélicas do imperialismo.

A unidade da classe operária europeia contra a ofensiva dos EUA-OTAN é o ponto de partida para mudar o curso da guerra, virando as armas contra a burguesia imperialista e a oligarquia restauracionista russa. O proletariado norte-americano, certamente, romperá a sua letargia. A desorganização da classe operária mundial é o fator determinante da situação em que se coloca, objetivamente, o

confronto dos EUA com a Rússia.

As manifestações contraditórias dos acontecimentos têm permitido ao gigantesco aparato de propaganda das potências ocultar o imperialismo como o fator determinante da detonação da guerra na Ucrânia, no dia 24 de fevereiro. A classe média mundial está sendo atizada a condenar a Rússia e a apoiar os carneiros imperialistas. Está sendo convencida a esquecer-se dos fatos passados, como a guerra no Vietnã em 1975, os bombardeios da OTAN sobre a ex-Iugoslávia em 1999, a invasão dos Estados Unidos e Inglaterra ao Iraque em 2003, a intervenção na guerra civil da Síria e da Líbia, em 2011. Não há intervenção e guerra que os Estados Unidos não estejam presentes.

Putin exorta o exército ucraniano a derrubar o presidente da República e a instalar um novo governo. Assim, se coloca inteiramente no terreno burguês da solução da crise política. Os explorados, de forma alguma, devem apoiar essa ação, que não corresponde à luta de classes mundial contra o imperialismo. O proletariado e demais oprimidos estão diante da tarefa de retomar o caminho da independência política, combatendo com seus próprios métodos e programa a oligarquia ucraniana, que obstinadamente se volta a submeter o país à União Europeia e à OTAN. Trata-se de construir seus próprios

organismos de poder, e pôr em pé uma direção política que se coloque pela unidade da Ucrânia e a unidade de todos os oprimidos do continente. As condições da guerra exigem a urgência do proletariado intervir com suas próprias consignas.

A bandeira de desmantelamento da OTAN e de expulsão dos Estados Unidos em toda parte em que tenham bases militares deve estar na linha de frente. Somente assim, é possível lutar contra a invasão russa da Ucrânia, restabelecer a sua unidade territorial, conquistar a autodeterminação e acabar com os conflitos étnicos. Esse é o caminho para organizar a luta na Rússia e nas ex-repúblicas soviéticas, sob a bandeira do socialismo.

Fora os Estados Unidos da Europa!

Desmantelamento da OTAN!

Retirada das Forças Armadas russas da Ucrânia!

Por uma Ucrânia independente e soviética!

Agrava-se a crise mundial

A classe operária e os demais explorados estão diante da necessidade de reagir com seu programa, política e organização próprios

28 de fevereiro de 2022

Em vários países, a pequena burguesia urbana está sendo arregimentada, para servir de base social à ampla aliança imperialista. Aliança essa liderada pelos Estados Unidos, para conter a ofensiva militar da Rússia no território da Ucrânia, cujo objetivo de Putin é o de derrubar o governo de Zelenski e de impossibilitar a vinculação do país à União Europeia e à OTAN. A imprensa internacional, controlada pelas potências, tem feito de tudo para ocultar que o principal responsável pela confrontação em solo ucraniano são os Estados Unidos, que comandam a OTAN. As manobras contra a Rússia na ONU - um covil do imperialismo - objetivam atrair a atenção mundial para a farsa do pacifismo norte-americano.

A cada avanço do cerco militar à Rússia, pelo braço armado norte-americano na Europa, se alterava o equilíbrio de forças alcançado no pós-guerra, fundamentalmente com o desmoronamento da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). A OTAN foi montada como uma peça de guerra, assentada em uma poderosa aliança das potências imperialistas vencedoras, para varrer as conquistas históricas do proletariado russo e mundial. Era questão de tempo para se reconstituir um novo quadro de conflagração.

A queda da URSS ocorreu no marco do desabamento das “repúblicas populares” do Leste Europeu. O Pacto de Varsóvia e a URSS ruíram. E a OTAN se potenciou, incorporando os países que foram se

desprendendo do sistema soviético burocratizado, adaptado e voltado à restauração capitalista. A via anárquica da restauração, desprendida sob o governo de Ieltsin, foi contida pelo regime montado pelo governo de Putin. Os Estados Unidos e aliados europeus se depararam com a necessidade da Rússia de recompor seu controle regional, que deita raízes no Império. Raízes que foram rompidas pela revolução proletária, pelo reconhecimento do direito à autodeterminação das nações oprimidas e pela constituição da URSS, mas que, sem o progresso da revolução mundial, não puderam ser extirpadas.

A Rússia montou uma Federação com uma pequena parte das quinze repúblicas soviéticas, que se dispersaram e foram procurar abrigo nas potências europeias e na OTAN. O braço armado dos Estados Unidos na Europa, de instrumento contra a URSS, passou a protetor militar das ex-repúblicas populares e ex-repúblicas soviéticas que se rebelaram. A incorporação da Ucrânia não seria apenas mais um passo, mas um passo que levaria próximo ao confinamento quase total da Rússia. Eis por que a resposta de Putin é defensiva.

O fato das Forças Armadas russas cercarem e invadirem a Ucrânia - um país indefeso - tem sido traduzido pelos Estados Unidos como uma posição ofensiva, contrária, portanto, à ordem mundial estabelecida no pós-guerra. E o fato objetivo da invasão representar um ato de guerra, que tem por conteúdo a opressão nacional de uma potên-

cia sobre uma débil nação oprimida - que se está deixando arrastar pelo imperialismo norte-americano e europeu - evidencia profundas contradições, que emergem do capitalismo em decomposição e do processo de restauração, que ampliou sua marcha ascendente com a desintegração da URSS. Inevitavelmente, o retorno de parte das ex-repúblicas soviéticas ao capitalismo e a volta das ex-repúblicas populares à condição de servas das potências se tornaram meios e instrumentos de pressão dos Estados Unidos sobre o processo de restauração na Federação Russa.

Não há como Putin voltar no tempo, com a aspiração de reconstituir o extinto Império Grão-Russo. A revolução de Outubro de 1917 e a formação da URSS iniciaram a transição do capitalismo ao socialismo. Esse era o caminho de enfrentamento à dominação imperialista e de combate às suas tendências bélicas. A Revolução Chinesa confirmou a necessidade histórica de fortalecer e impulsionar o processo de transição como parte da revolução mundial. Esse caminho revolucionário se percorreu pela luta de classes e pelo desenvolvimento das forças produtivas socialistas até certo ponto.

A derrocada da URSS e a adaptação da China à economia de mercado impulsionaram a restauração capitalista, servindo, em última

“ *A restauração, por meio do capitalismo de Estado, tanto na Rússia quanto na China, já não serve ao capital financeiro internacional, que se encontra represado em um atoleiro. A Rússia poderia continuar oprimindo as ex-repúblicas soviéticas, desde que estivesse com suas fronteiras abertas ao capital financeiro e aos monopólios.* ”

instância, aos interesses do imperialismo. O objetivo da Rússia de conservar seu poderio regional e o da China de expandir mundialmente sua capacidade produtiva e comercial passaram a se chocar com a hegemonia norte-americana e com os interesses de conjunto das potências europeias, e mesmo do Japão, nas condições de crise de superprodução e de guerra comercial.

O apelo da Rússia para que a Ucrânia não fosse incluída à União Europeia e à OTAN é defensivo. Defesa essa que tem origem na derubada do governo pró-Rússia, em 2014, e na introdução da tarefa de promover a integração do país à União Europeia e à OTAN na nova Constituição, bem como na guerra civil em Donbass e na anexação da Crimeia pela Rússia. O acordo de paz de Minsk não resolveu o principal fator da crise, que era e é o do impedimento da Ucrânia de fazer parte da OTAN. Ou a Rússia reagiria contra a instalação de bases militares em suas fronteiras, ou cederia ao objetivo dos Estados Unidos de completar o cerco impulsionado desde o desmoronamento da URSS.

O motivo imediato da ocupação da Ucrânia é o de impor ao governo ucraniano a renúncia ao plano de sujeição do país à OTAN. Mas, no estratégico estratégico, é o de recuperar o terreno perdido pela Rússia, com a diáspora das ex-repúblicas soviéticas. Em sentido contrário, os Estados Unidos estão em franca guerra comercial, intensificada pelo governo de Trump, com a ruptura da diretriz do multilateralismo, e voltada principalmente contra a China. Mas a Rússia é parte do mesmo problema. Os Estados Unidos se viram na contingência de voltar sua atenção à Ucrânia, uma vez que não pode admitir que a Rússia impeça o avanço das forças imperialistas na região, em que o proletariado revolucionário e seu partido bolchevique haviam erguido a URSS, nas condições da Primeira Guerra Mundial imperialista.

A adaptação da URSS ao capitalismo mundial, em um processo de reabilitação progressiva das forças burguesas internas, sob a guarda da burocracia estalinista, deu origem a um movimento histórico con-

trário ao da transição do capitalismo ao socialismo. Sem o controle da classe operária sobre as incipientes forças produtivas socialistas e sobre seu próprio Estado, minaram-se as bases da propriedade social dos meios de produção. A casta burocrática que se ergueu, movida pelas contradições internas da atrasada economia russa e pelos condicionamentos mundiais do imperialismo, acabaria se submetendo gradativamente à hegemonia norte-americana do pós-guerra.

A classe operária, que esteve na base da constituição da URSS, foi sendo posta à margem da direção política e econômica, de forma que lhe foi extirpada de seu seio o partido bolchevique. A liquidação da III Internacional, a mando de Stalin, resultou desse processo interno. Instaurou-se uma crise de direção sem precedente, ao se interromper e regredir a luta do proletariado pela transformação da propriedade privada dos meios de produção em propriedade social. Por esse motivo, hoje, a Rússia, ou a Federação Russa de Putin, não tem como ser defendida pela classe operária e pelas massas camponesas pobres, como foi defendida com os métodos revolucionários na Primeira Guerra Mundial e, depois da Revolução de 1917, na guerra civil, a não ser que os explorados coloquem novamente de pé as organizações soviéticas e a sua direção revolucionária. O mesmo se passa nas ex-repúblicas soviéticas.

O proletariado ucraniano era e é a única força social capaz de derrubar a oligarquia pró-União Europeia, impedir o cerco da OTAN à Rússia e garantir a autodeterminação real do país. No entanto, não tem sido possível unir a classe operária russa e ucraniana, de tão desorganizada e influenciada pelo nacionalismo burguês e pequeno-burguês. Se o proletariado envolvido diretamente na guerra se mostra incapaz politicamente de se manifestar em defesa de uma reposta própria e oposta à do imperialismo e da oligarquia burguesa russa, muito mais difícil é para a classe operária na Polônia, Alemanha, França, Estados Unidos, enfim, para o proletariado mundial. Essa passividade da classe revolucionária na Europa, diante da guerra na Ucrânia, põe à luz do dia a gravidade da crise de direção.

Em meio a uma massiva campanha do imperialismo, camadas da pequena-burguesia começam a se movimentar. O isolamento social da Rússia tende a crescer na medida em que se prolongue a guerra, cresçam as mortes, agigante a onda de refugiados e aumente o amontoado de escombros. Os Estados Unidos passaram a contar a seu favor com a penetração nas massas da falsa tese de que procurou uma solução pacífica, e de que a OTAN é defensiva, diante de uma Rússia ofensiva. Na realidade, o imperialismo e seu braço armado empurraram Putin a ocupar a Ucrânia.

A posição do imperialismo de não enviar forças externas tão somente indica o imperativo de não instalar uma guerra na Europa, que poderia assumir características de guerra mundial. Mas, diante da resistência ucraniana e do receio da Rússia em usar todo poderio militar para esmagar os oponentes, cresceu a unidade das potências em torno às diretrizes de Biden. Unidade que conta com a passividade do proletariado e com o apoio da opinião pública da pequena-burguesia contrária à invasão russa.

A mudança de posição da Alemanha, que passou a enviar recursos e armamentos para a resistência ucraniana, é a mais sintomática. E mais sintomaticamente ainda, foi a decisão do chanceler alemão de elevar os recursos destinados ao rearmamento do país. O que significa elevar a um novo patamar a escalada militar na Europa e no mundo. A indústria bélica vem exigindo medidas dessa natureza, em meio ao recrudescimento da guerra comercial. Esse é o principal sintoma da crise que, por ora, permanece restrita ao marco da Ucrânia e Rússia.

A unidade em torno às sanções econômicas tem transcendência no sentido de que os Estados Unidos estão usando as armas da guerra comercial. Não há segredo que os monopólios de petróleo e gás, comandados pelos norte-americanos, vêm há muito se opondo à in-

dependência como a Rússia controla e administra o seus abundantes recursos naturais. Pesa nas relações econômicas, o fato de fornecer 40% do gás à Europa. Washington exerceu grande pressão sobre a Alemanha, em particular, para que não colaborasse com a construção do gasoduto que passa pela Ucrânia. Agora, conseguiu suspender o funcionamento do Nord Stream. Essa retaliação faz parte da guerra comercial.

O desligamento dos bancos russos do sistema de pagamento (Swift), controlado pelos Estados imperialistas e pelo capital financeiro, manejado desde os Estados Unidos, foi anunciado com o objetivo de sufocar a economia russa, e, assim, provocar uma cisão entre os oligarcas e o governo, e causar descontentamento na população. O mesmo diz respeito ao corte de fornecimento de bens tecnológicos. Com tais medidas, atingem-se os ramos fundamentais da produção e os grupos de capitalistas que sustentam o governo Putin.

A discussão na imprensa, se a Rússia terá como contornar parte de tais medidas, é secundária. O mais importante é que evidencia o quanto a Rússia se encontra integrada ao sistema de dominação imperialista. E o quanto os oligarcas se encontram premiados para irem adiante com a restauração capitalista, sob as diretrizes externas.

A restauração, por meio do capitalismo de Estado, tanto na Rússia quanto na China, já não serve ao capital financeiro internacional, que se encontra represado em um atoleiro. A Rússia poderia continuar oprimindo as ex-repúblicas soviéticas, desde que estivesse com suas fronteiras abertas ao capital financeiro e aos monopólios. Se é inevitável a influência econômica da Rússia na Europa Ocidental,

muito mais ainda na região oriental e asiática a que está ligada historicamente.

A guerra na Ucrânia, por si só, afetará a Europa, e, por esse caminho, a economia mundial. O conjunto de sanções terá, como os próprios analistas da burguesia indicam, uma repercussão generalizada, derrubando ainda mais o crescimento mundial, já raquítico, e impulsionando a espiral inflacionária. As massas, duramente sacrificadas pela longa pandemia, terão de arcar com maior elevação do custo de vida e desvalorização do preço da força de trabalho. É por essas condições de opressão de classe que o proletariado se erguerá contra os capitalistas e seus governos, e poderão elevar sua compreensão sobre a necessidade de combater a ofensiva dos Estados Unidos contra a Rússia e a China, e, ao mesmo tempo, combater a burocracia oligárquica restauracionista.

Colocam-se, na situação, as bandeiras: pelo desmantelamento da OTAN; pelo fim das bases militares dos Estados Unidos na Europa e no mundo; retirada imediata das tropas russas da Ucrânia; pela autodeterminação e unidade territorial da Ucrânia; recuperação das conquistas revolucionárias do proletariado com a constituição da URSS.

Essas bandeiras correspondem à luta do proletariado, no campo da independência de classe e sob a estratégia histórica dos Estados Unidos Socialistas da Europa. É imprescindível que a vanguarda com consciência de classe trave essa batalha voltada a construir os partidos marxista-leninista-trotskistas, como parte da reconstrução do Partido Mundial da Revolução Socialista, a IV Internacional.

Manifesto do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional (CERQUI)

Pelo fim da guerra na Ucrânia!

Somente a classe operária organizada e unida em torno ao programa da revolução mundial pode enfrentar o curso da barbárie do capitalismo em decomposição

11 de março de 2022

Os Estados Unidos e potências europeias evitaram que a OTAN interviesse diretamente na guerra da Ucrânia. O motivo esteve e está em que a conflagração se estenderia para a Europa. Os Estados Unidos estão distantes, e, em princípio, poderiam ganhar muito com uma guerra no velho continente. Mas, para a burguesia europeia, seria desastroso ter de se bater contra a Rússia.

O acordo de golpear financeira e economicamente os russos foi obtido à base de muita pressão de Biden, uma vez que os europeus também serão imediatamente afetados. A economia mundial mal se convalesce do período da pandemia, e se ressentirá amplamente com o pacote de sanções montado pelos Estados Unidos. As últimas decisões do imperialismo norte-americano, de romper os contratos comerciais de compra do petróleo e da Inglaterra de diminuir sua dependência do gás da Rússia, potenciam a guerra comercial e desequilibram amplamente os preços das commodities. Putin, em contrapartida, anunciou que poderá nacionalizar as multinacionais, que acatarem a diretriz das sanções e encerrarem seus negócios em território russo.

Os Estados Unidos e aliados contam com o isolamento de Putin para dificultar a vitória militar na Ucrânia. Na melhor das hipóteses, evitar que a Ucrânia seja completamente tragada pela Rússia. A guerra se tornou inevitável no momento em que os Estados Unidos e seu braço armado na Europa, a OTAN, se negaram terminantemente a aceitar o pleito da Rússia de uma Ucrânia neutra. O imperialismo tinha pleno conhecimento de que Putin e as Forças Armadas não poderiam retirar-se da fronteira com a Ucrânia de mãos vazias. O governo Zelenski não

estava em condições de tomar uma decisão própria, como não poderia acertar um acordo de paz, sem que fosse orientado pelos Estados Unidos. Na condição de peão dos Estados Unidos e da União Europeia, decidiu expor a Ucrânia à ocupação russa, sabendo perfeitamente que seus amos não iriam enviar tropas para defendê-la.

Biden, nos momentos mais decisivos, alertava o mundo de que Putin não cumpriria a sua palavra, como se sua rede de espionagem fosse eficaz nas informações, quando, na realidade, a Casa Branca e o Pentágono sabiam que a inflexibilidade do governo russo se devia ao não atendimento do pleito de um acordo de uma Ucrânia neutra. Os Estados Unidos, portanto, empurraram o governo Zelenski a não aceitar a condição exigida pela Rússia, e empurraram Putin a decidir, finalmente, pela invasão da Ucrânia.

O resultado de mais de duas semanas de guerra evidenciou que o povo ucraniano tem servido de bucha de canhão para o imperialismo. E que a Ucrânia vem sendo utilizada como instrumento pela oligarquia burguesa russa, para recuperar o poder regional da Rússia sobre as ex-repúblicas soviéticas, evidentemente acossada pelo cerco militar da OTAN. A guerra já arruinou parte do país; provocou uma onda de refugiados; e alastrou o sofrimento da população submetida ao fogo cruzado. Não se tem ainda o número preciso de civis e militares mortos.

O imperialismo se vale das imagens trágicas para comparecer como o santo que condena o carrasco. Age para impressionar a classe média e cegar a classe operária. Mas, o fato é que os Estados Unidos e aliados fizeram do povo ucraniano bucha de canhão para sua estratégia de apertar o cerco da OTAN e dos Estados Unidos à

Rússia. A responsabilidade da Rússia não está no fato de procurar se defender da ofensiva da OTAN, mas de oprimir a Ucrânia, de pisotear o seu direito à autodeterminação e de utilizar os meios e os métodos militares próprios do imperialismo.

O fracasso da negociação, do dia 10 de março, na Turquia, indica que Zelenski continua sendo orientado a não aceitar as condições de Putin: neutralidade da Ucrânia e reconhecimento das repúblicas separatistas. Sem dúvida, é uma imposição de guerra a uma nação oprimida. O que independe do fato de seu governo ser xenófobo e pró-União Europeia-OTAN.

Somente o povo ucraniano, constituído pela maioria oprimida, pode decidir o destino de seu governo e de seu país. Está comprovado historicamente pela revolução proletária na Rússia, que a conquista do direito de separação e de autodeterminação somente é possível sob a ditadura do proletariado. Sem esse fundamento, não há autodeterminação da nação. A desorganização do proletariado ucraniano e a dominação oligárquica foram decisivas para que o levante de 2014 depusesse o governo pró-Rússia e constituísse um governo pró-União Europeia-OTAN. Também foi decisiva a desorganização do proletariado russo no campo da independência de classe, para reagir à anexação da Crimeia e ao incentivo do separatismo em Donbass. E graças à incapacidade de reação do proletariado com seu programa e política próprios é que o povo ucraniano e o povo russo não se uniram contra o cerco imperialista da OTAN à Rússia, bem como contra o governo e a oligarquia restauracionistas russos de intervirem sobre as ex-repúblicas soviéticas, sem que fosse por vontade de seu povo.

A Ucrânia não pode libertar-se da opressão nacional da Rússia, submetendo-se aos maiores opressores do mundo, que são os Estados Unidos e as potências europeias. E a Rússia não tem como se defender do cerco imperialista norte-americano do pós-guerra e do fim da URSS, submetendo as ex-repúblicas soviéticas. Essa é uma contradição particular que se potenciou com a degeneração e a derrocada final da URSS em 1991. A guerra sangrenta da oligarquia russa contra a independência da Chechênia (1994-1996 e 1999-2009) estabeleceu um novo marco da opressão russa às nacionalidades, que haviam se libertado dos grilhões do império russo, galgado o caminho da revolução de Outubro e, livremente, decidido por constituir a URSS, em 1922, sob a direção do partido bolchevique e de Lênin. Somente sobre essa base histórica, é possível combater o nacionalismo burguês e pequeno-burguês - via de regra xenófobo -, que divide as massas.

A constituição da URSS se deu alicerçada no programa e nos fundamentos do internacionalismo marxista, que se opõem a todo tipo de nacionalismo. O reaparecimento e fortalecimento do nacionalismo no seio das ex-repúblicas soviéticas, o que inclui a Rússia, foi e é expressão do processo de restauração capitalista e de interrupção da transição do capitalismo ao socialismo. Essa profunda regressão histórica explica por que o proletariado russo, ucraniano e mundial se mantêm à margem de um dos mais importantes acontecimentos do pós-guerra. A propósito da guerra na Ucrânia, a Alemanha, derrotada nas duas grandes guerras, anunciou seu objetivo de aumentar o orçamento destinado ao seu rearmamento. Essa é a tendência que vem se potencializando há tempos, acompanhando o avanço da guerra comercial.

A explosão do conflito ucraniano antecipou a possibilidade de um confronto entre os Estados Unidos e a China. Há algum tempo, a política imperialista de “coexistência pacífica”, de “desarmamento”, “de multilateralismo”, de promoção da “democracia” e dos “direitos humanos” tem cedido lugar à escalada militar. A enorme dificuldade da economia mundial alcançar um crescimento compatível com as necessidades do capital financeiro e dos monopólios industriais forçam os Estados Unidos, cuja hegemonia do pós-guerra se encontra em declínio, a se chocarem com a China e a Rússia, cujas particularidades advêm das revoluções proletárias, e de seu oposto, do processo de restauração capitalista.

A partilha do mundo do pós Segunda Guerra Mundial está esgotada. A liquidação da URSS correspondeu ao principal objetivo dos Estados Unidos e aliados. A burguesia imperialista esperava que a Rússia também se desmoronasse e abrisse seu rico território de matérias-primas às multinacionais, bem como se sujeitasse às diretrizes norte-americanas diante da desintegração do capitalismo mundial. Esperava também que a China não apenas abrisse suas fronteiras para o grande capital, como também passasse o comando do Estado para setores burgueses, vinculados aos interesses das potências. Como a Rússia e a China mantiveram um alto grau de independência, passaram a ser um obstáculo à política dos Estados Unidos. Em especial, o fato da China se tornar uma potência mundial rivaliza com os Estados Unidos e colide com a sua hegemonia econômica.

O choque entre as forças produtivas e as fronteiras nacionais, que esteve na base das duas grandes guerras, se recompôs em uma escala superior. A guerra na Ucrânia e o perigo de se europeizar, portanto, internacionalizar, dão a dimensão catastrófica da incompatibilidade entre as forças produtivas e as relações de produção, bem como com as fronteiras nacionais. Está posta a necessidade de o proletariado, objetivamente, recuperar seu lugar como classe revolucionária. O problema se encontra no fato de seus partidos comunistas terem se degenerado pelo estalinismo e de o proletariado não ter podido ainda reconstituir sua vanguarda marxista-leninista-trotskista. O programa da transformação da propriedade privada dos meios de produção em propriedade social e a estratégia histórica da ditadura do proletariado continuam vigentes diante do capitalismo imperialista, que se caracteriza pelas guerras, revoluções e contrarrevoluções.

A guerra na Ucrânia evidencia a necessidade da unidade da classe operária mundial para quebrar a espinha dorsal dos Estados Unidos na Europa e combater as tendências reacionárias do nacionalismo russo e as suas ações contrárias à autodeterminação das ex-repúblicas soviéticas. A guerra que se trava na Ucrânia não é uma guerra de libertação, mas de dominação.

O proletariado russo e a sua vanguarda com consciência de classe estão diante da tarefa de reconhecer a hecatombe que significou a destruição da URSS e a interrupção da transição do capitalismo ao socialismo, transição que se iniciou com a revolução proletária de Outubro de 1917. Seja qual for o resultado favorável à Rússia na guerra da Ucrânia, não tem como deter por muito tempo o avanço dos Estados Unidos e da OTAN. O mais provável é que as ex-repúblicas continuem a gestar o nacionalismo e a caminhar para os braços das potências europeias. Somente o proletariado com seus partidos revolucionários e com o internacionalismo marxista tem como combater o curso da barbárie capitalista e recuperar o terreno perdido para o imperialismo com a destruição da URSS.

O poderio militar da Rússia é respeitável, mas se assenta em uma economia exportadora de commodities e de recursos industriais-financeiros limitados, se comparados com as potências imperialistas, e com a própria China. É nesse marco que se coloca a necessidade do proletariado dar passos no sentido da superação da crise de direção, construindo os partidos marxista-leninista-trotskistas e reconstruindo o Partido Mundial da Revolução Socialista.

O Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional desenvolve sua campanha, guiando-se pelas bandeiras: Abaixo as medidas econômicas e financeiras de Biden contra a Rússia e a economia mundial! Pelo desmantelamento da OTAN! Pelo fim das bases militares dos Estados Unidos na Europa e no mundo! Retirada das Forças Armadas russas da Ucrânia! Pela autodeterminação e unidade territorial da Ucrânia! Abaixo a burocracia e a oligarquia burguesa russa e ucraniana do poder! Pela ditadura do proletariado e restabelecimento da democracia soviética! Operários e demais trabalhadores, lutemos unidos sob a bandeira dos Estados Unidos Socialistas da Europa e do Mundo.